

BOLSONARISMO, O NOVO FASCISMO BRASILEIRO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

As pesquisas e a bibliografia consagradas dedicadas ao tema dos novos populismos de direita e de extrema-direita nos últimos anos é já respeitável. Em volume, em qualidade e em variedade de abordagens e de perspectivas teóricas e políticas, é possível falar de um novo corpo de conhecimento consolidado em matéria de reflexão política, ao mesmo tempo interdisciplinar (ciência política, filosofia, história, sociologia, economia), especializado, e de grande interesse público. *Como as Democracias Morrem*, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, e *Como a Democracia Chega ao Fim*, de David Runciman, além de *O Povo contra a Democracia*, de Yascha Mounk, são apenas alguns dos exemplos de êxito popular.

Na academia, pesquisadores se amparam em dados para apontar para o que chamaram de recessão democrática¹ ou, em alusão à terceira onda de democratização de Huntington², de terceira onda de autocratização³. Independentemente do nome, esse tem sido um movimento gradual, caracterizado por um redobrado autoritarismo de ditaduras, uma tendência de países da “zona cinzenta” democrática de decaírem para autocracias e uma crescente disfuncionalidade e perda de autoconfiança por parte de democracias estabelecidas. Isso é corroborado tanto por índices que medem o nível de democracia no mundo calculados por organizações como Freedom House⁴, The

¹ Cf. DIAMOND, Larry. Facing Up to the Democratic Recession. *Journal of Democracy*, 26, 2015, pp. 141-155

² Cf. HUNTINGTON, Samuel. *The third wave: Democratization in the Late Twentieth Century*, University of Oklahoma Press, 1993

³ Cf. LÜHRMANN, Anna; LINDBERG, Staffan. A third wave of autocratization is here: what is new about it? *Democratization*, 26, 7, 2019, pp. 1095-1113

⁴ <https://freedomhouse.org/report/freedom-world>

Economist Intelligence Unit⁵ e *V-Dem*⁶, quanto por pesquisas feitas por instituições como o Pew Research Center, que revelam que, mesmo que em teoria apoiem a democracia, as pessoas nem sempre demonstram comprometimento com seus princípios e estão mais insatisfeitas com o seu funcionamento, sendo essa insatisfação correlacionada com uma frustração com as elites políticas⁷.

Como se vê, o fenômeno vem de par com importantes reflexões acerca da natureza, do atual estado, da grave crise e dos desafios contemporâneos da *democracia*, especialmente da assim chamada *democracia liberal* (em contraste com o que Zakaria definiu como “democracia iliberal”⁸). Tema de interesse quase permanente, pode-se constatar que desde o início da década passada a produção sobre o assunto vem crescendo, e fatores tão distintos quanto a crise financeira de 2008, a chamada “primavera árabe”, diversas ondas de manifestações populares ao longo dos últimos anos e o crescimento, cada vez mais destacado, da participação (ou pretensão de participação) popular por meio das mídias sociais assinalavam esse percurso histórico e a repercussão acadêmica e intelectual que lhe acompanhava. Com a vitória do *Brexit* no plebiscito britânico em junho de 2016, decidindo pela saída do Reino Unido da União Europeia, seguida pela vitória de Donald Trump nas eleições americanas de novembro daquele mesmo ano, o fenômeno de ascensão de governos e de bandeiras políticas populistas de direita, marcadamente iliberais, assumia uma proeminência até então inédita, fazendo com que as longínquas Filipinas de Rodrigo Duterte e as diminutas Hungria de Viktor Orbán e Polônia de Andrzej Duda passassem a figurar ao lado da Itália de Matteo Salvini e das duas nações-símbolo da democracia liberal representativa como exemplos precisamente da

⁵ <http://www.eiu.com/topic/democracy-index>

⁶ <https://www.v-dem.net/>

⁷ <https://www.pewresearch.org/global/2020/02/27/democratic-rights-popular-globally-but-commitment-to-them-not-always-strong/>

⁸ Cf. ZAKARIA, Fareed. *The Rise of Illiberal Democracy*. *Foreign Affairs*, 76, 06, novembro/dezembro 1997, pp. 22-43

derrocada dessa modalidade de regime político⁹. (Aqui, para não mencionar ainda outros exemplos de candidaturas ou movimentos que, se bem não se elegeram ou não elegeram lideranças a cargos máximos, tiveram e ainda têm impacto naquilo que constitui os elementos integrantes da chamada crise: na França, a candidatura de Marine Le Pen e, depois, já no governo Macron, os protestos dos *gilets jaunes*, os “coletes amarelos”; no Reino Unido, de Boris Johnson – ele próprio uma figura peculiar, que faz parte da discussão –, movimentos de radicalização na retórica eurocética, personificados institucionalmente por figuras como Nigel Farage; e ainda na própria Alemanha, um dos países que mais têm servido de exemplo de *safe haven* do liberalismo democrático esclarecido no governo de Angela Merkel, a ascensão, e declínio, e nova ascensão da *AfD*, partido de extrema-direita.)

O Brasil fez figura – e má figura – nesse quadro de degeneração democrática com a eleição, em outubro de 2018, de um ex-militar historicamente acusado de planejar atentados terroristas, chefe de um clã familiar suspeito de envolvimento e de ativa participação junto às milícias do Rio de Janeiro e com um currículo de 30 anos de vida política preenchida exclusivamente por discursos de natureza fascista. A vitória de Jair Bolsonaro, embalada, ao menos na superfície, por uma combinação de *lavajatismo* (em referência à Operação Lava Jato), antipetismo e ressaca de crise econômica¹⁰, trouxe à cena no palco da política brasileira a associação (não inédita, frise-se) entre extrema-direita política, reacionários morais e comportamentais vários e liberais ortodoxos em matéria econômica, acrescidos, desta feita, de turbas e milícias digitais – ingrediente inédito na tradição do reacionarismo autoritário brasileiro.

⁹ Cf. GRZYMALA-BUSSE, Anna; KUO, Didi; FUKUYAMA, Frank; MCFAUL, Michael. Global Populisms and Their Challenges, *Freeman Spogli Institute for International Studies, Stanford University*, 2020, <https://fsi.stanford.edu/global-populisms/global-populisms-and-their-challenges>

¹⁰ Cenário que poderia caracterizar uma crise de *stateness* ainda mais grave do que a que acometeu o País durante o período de transição democrática pós-ditadura militar. Cf. LINZ, Juan; STEPAN, Alfred. Problems of Democratic Transition and Consolidation: Southern Europe, South America, and Post-Communist Europe, *The Johns Hopkins University Press*, 1996

Inspirado, de um lado, pelo chamado *olavismo* e, de outro, pelo “guedismo” (uma visão privatista reducionista de liberalismo econômico), com o suposto institucionalismo militar ocupando uma posição intermediária, o governo Bolsonaro mostrara-se em flagrante desacordo com os princípios mais elementares da democracia liberal representativa constitucional já em seu primeiro ano de mandato. Em 2019, desfilaram os escândalos políticos de variados portes, todos com a inequívoca e inamovível marca do autoritarismo iliberal que define o bolsonarismo, tendo a afronta aos demais poderes da República, a intimidação da imprensa e das vozes críticas da sociedade civil e a premeditada degradação institucional servido, combinadamente, como norteadores para uma suposta “revolução conservadora” de que Jair Bolsonaro seria o líder. Tal cenário radicalizou-se de modo singular já nos primeiros meses de 2020, quando, ainda em janeiro, o Secretário Nacional de Cultura protagonizou um vídeo oficial de perfil abertamente nazista, seguido pelo agravamento da imobilidade do governo em fevereiro, e chegando ao ápice com a eclosão da crise sanitária deflagrada pelo chamado novo coronavírus em março.

Foi a partir da reação errática do governo federal no combate à pandemia de COVID-19 no País que suas características autoritárias, antidemocráticas e iliberais – núcleo da identidade política do governo – tornaram-se ainda mais explícitas, e para um número maior de pessoas, o que é fator decisivo. Descaso grosseiro com os mais pobres e mais afetados pela crise; combate à saúde e à ciência no lugar de combate à pandemia (haja vista, por exemplo, a demissão de dois ministros da saúde neste íterim); teorias conspiratórias e *fake news* transformadas em política de Estado; participação ativa na concepção e na prática de diversas atividades golpistas e potencialmente criminosas; envolvimento suspeito, direto e indireto, com forças paramilitares de apoio ao governo; estímulo à fanatização mortífera de parcelas da população; organização, no centro mesmo do governo, de estruturas de ataque à imprensa e aos demais poderes, culminando na agressão física (já tornada comum) a

jornalistas; aparelhamento institucional, seja em cargos próprios do Executivo, preenchidos por *olavistas* que compõem a assim chamada “ala ideológica” do governo, seja em órgãos de controle, como a Polícia Federal (não perdendo de vista o fato de que, ainda neste ano, Jair Bolsonaro indicará um novo ministro ao Supremo Tribunal Federal, já tendo anunciado que nomeará alguém “*terrivelmente evangélico*”) – eis, em síntese, o cenário em que se deu a escalada de mortes que levou o Brasil a ser um dos países em que a pandemia de COVID-19 causa uma devastação de vidas humanas das maiores proporções.

Foi no interior de tal crise, importa acrescentar, que se deu a queda do então Ministro da Justiça, o ex-juiz Sérgio Moro, símbolo do combate à corrupção para expressiva parcela do eleitorado (precisamente aquela a que se pode chamar de *lavajatista* e *antipetista*) por sua atuação como juiz da Operação Lava Jato. Demissionário, o Ministro revelou um conjunto notável de crimes supostamente cometidos pelo Presidente da República, que, a serem comprovados, atestam inequivocamente o aparelhamento institucional e, em última análise, a implantação de um regime familiar-miliciano-militar à revelia do Estado de Direito, motivo pelo qual, agora mesmo, é periclitante a situação da República e é explícita a natureza fascista do atual governo.

Nesse contexto, a pesquisa acadêmica sobre a crise da democracia liberal, sobre as novas ondas populistas, ou sobre a ascensão da extrema-direita no Brasil, ao mesmo tempo em que ganha em relevância teórica, adquire também contornos de uma intervenção no debate público e na cena política cheia de uma urgência característica do melhor ensaísmo esclarecido – uma tradição nacional – e do alto jornalismo.

É bem verdade que a urgência e a relevância do assunto são quase que autoevidentes: basta ligar a televisão ou ler as primeiras manchetes de qualquer jornal. Por outro lado, e sobretudo em debates de natureza imediata, convém notar a justificação *acadêmica* para um projeto desta espécie. Muito embora já exista uma ampla discussão sobre uma suposta *crise da democracia* (parte

manifesta nas obras mencionadas acima, de impacto relevante), é bastante comum – ainda mais quando tratamos de conceitos posicionais, interpretativos por excelência – que não mais se saiba exatamente sobre o que se está falando. Qual é a concepção de democracia que se discute (ou se postula como ideal)? Quais são exatamente as linhas demarcatórias possíveis que permitem a atribuição de um denominador comum aos diferentes governos democráticos e aos diferentes regimes iliberais? Quando falamos em esquerda ou direita, quando afirmamos ou negamos uma crise institucional, uma crise de representação, uma crise democrática, *sobre o que estamos falando?* O movimento a que chamamos *bolsonarismo ou novo fascismo brasileiro*, para ficar no exemplo diretamente relacionado à investigação, articula-se como “representante do povo”, prometendo uma “relação imediata” com esse mesmo “povo” reivindicado (remetendo, assim, à ideia de “democracia delegativa” como articulada por O’Donnell¹¹ e ao conceito de populismo como definido por Urbinati¹²). O governo abertamente iliberal teve apoio de autointitulados liberais; a “revolução” que se pretende “conservadora” seria anátema à tradição do conservadorismo britânico de Hooker a Oakeshott. Democracia, liberalismo, conservadorismo, esquerda, direita, centro. A pesquisa acadêmica de excelência, em respeito às exigências do rigor que marca o saber científico, é o que permite que a discussão e o debate sejam construídos com graus mínimos de responsabilidade conceitual.

O ponto é que, como se nota, estamos aqui tratando de um debate de natureza imediata. *A crise da democracia*, no Brasil de 2020, é constituída por pequenas grandes crises quase que diárias. O certo grau de distanciamento que marca a pesquisa acadêmica de qualidade não pode, ao mesmo tempo, caracterizar imobilismo ou complacência, sob pena de permanecer confinada aos gabinetes de uma suposta *intelligentsia* (que acabaria, paradoxalmente, por

¹¹ Cf. O’DONNELL, Guillermo A. Delegative Democracy. *Journal of Democracy*, 5, 1, 1994, pp. 55-69

¹² Cf. URBINATI, Nadia. Me the People: How Populism Transforms Democracy. *Harvard University Press*, 2019

personificar exatamente um tipo de “elite descolada da realidade do povo”, como diria um típico *slogan* de movimentos populistas ao redor do globo). Assim, à combinação desse saber técnico, de avaliação aprofundada e interpretação matizada que caracteriza imperiosamente o bom trabalho acadêmico, deve somar-se, portanto, a crítica política ágil e informada, da cultura e da sociedade de nosso tempo, que é indissociável da boa prática jornalística e do melhor de nossa produção ensaística. A proposta, portanto, é acadêmica, mas não é *apenas* acadêmica; é de intervenção no debate público, mas não é *apenas* de intervenção no debate público. O que se pretende, aqui, é exatamente a construção de uma ponte entre o que há de melhor nessas duas esferas, permitindo uma articulação conjunta entre o saber acadêmico-científico e a atenção às circunstâncias de nosso presente em todas as suas peculiaridades, nuances e *crises*. Esse é o tipo de produção de conhecimento exigido pelo fenômeno social e político do bolsonarismo, cada vez mais articulado em termos de um *novo fascismo brasileiro*.

Considerando (1) que “democracia” é um termo posicional, contestável¹³ – sendo reivindicado por todo tipo de grupo ou partido político, *inclusive os antidemocráticos* – e (2) que temos o rigor acadêmico como premissa fundamental, a tomada de posição aqui indicada exige algumas explicações de natureza mais teórica. Quando afirmamos que o bolsonarismo é um movimento político que efetivamente coloca a democracia em risco, não pretendemos aqui iniciar um mero exercício retórico ou articular qualquer tipo de acusação vazia, desprovida tanto de responsabilidade intelectual quanto de significado.

¹³ Um predicado P é contestável se (1) não for implausível dizer tanto ‘algo é P se também for A’ quanto ‘algo é P se também for B’ como explicações alternativas do significado de P; se (2) também houver um elemento e* de força valorativa ou normativa atrelada ao significado de P; e se (3) como consequência de (1) e (2), houver um histórico do uso de P de forma a significar padrões ou princípios rivais, tais como ‘A é e*’ e ‘B é e*’. É o caso de democracia: é um termo sobre o qual (1) se pode falar tanto em termos de representação quanto em termos de participação direta, que tem (2) um significado valorativo favorável e, como consequência disso, (3) deriva-se princípios antagônicos a partir do mesmo conceito. Cf. WALDRON, Jeremy. Vagueness in Law and Language. *California Law Review*, 82, 03, 1994, pp. 509-540

Pela natureza própria do conceito, é bastante difícil definir a democracia de forma taxonômica, como se fosse um simples conceito criterial. Interpretativo por excelência, o conceito convida à elaboração de diversas concepções distintas. De nossa parte, adotamos uma concepção na linha do que dizia Thomas Mann, em *The Coming Victory of Democracy*: “É insuficiente definir o princípio democrático [simplesmente] como o princípio majoritário, traduzindo a democracia literalmente, muito literalmente, como o governo do povo”; afinal, como alertava o próprio Mann, essa é uma expressão “*de duplo significado*”. Sem princípios mínimos que informem sua própria *raison d’être*, o governo da maioria pode estar “*mais próximo da definição de fascismo*”.¹⁴ Essa ideia, tão bem ilustrada por Mann, é precisamente a consagração dos alertas já delineados por autores como James Madison, nos *Federalist Papers*, e Alexis de Tocqueville, no clássico *De la démocratie em Amérique* – alertas contra o que já se convencionou chamar na própria linguagem ordinária de *tiranía da maioria*.

O ponto fundamental, aqui, é que a concepção de democracia que adotamos é mais do que um conjunto formal de critérios a serem preenchidos de modo a respeitar a regra majoritária, e eis tudo. Uma democracia liberal autêntica é a que consagra, respeita e materializa precisamente as conquistas do liberalismo democrático enquanto tal: noções como direitos humanos e sociais, pluralismo, tolerância, separação de poderes, ordem legal, constitucionalismo em sentido amplo, império da lei. Adotamos uma concepção de democracia *representativa*, que só é possível quando prevalece a ideia de que há órgãos intermediários entre governantes e governados. Partidos políticos, imprensa livre, Judiciário forte e independente; como não falar, então, em crise da democracia no Brasil, quando o Presidente da República diz coisas como “eu sou a Constituição”¹⁵ e afirma que o “poder popular não precisa mais de

¹⁴ Cf. MANN, Thomas. *The Coming Victory of Democracy*. Londres: Secker & Warburg, 1938, p. 21

¹⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>

intermediação”,¹⁶ incentivando e até praticando a perseguição à imprensa,¹⁷ cada vez mais atacada – inclusive de forma *direta* – por seus apoiadores?¹⁸ Quando um de seus filhos, que já havia sugerido o fechamento do STF,¹⁹ ameaça uma “ruptura institucional” após decisão da Suprema Corte?²⁰ Quando são *mais do que relevantes* os indícios de interferência política em órgãos de controle?²¹

Reafirmar a democracia em crise no Brasil, portanto, não é um mero jogo de palavras. É precisamente porque as palavras importam que a crise pode ser constatada, uma vez que são explícitos os ataques a todos os princípios que dão forma a uma concepção de democracia liberal que, parafraseando José Guilherme Merquior, encarece a exigência epistemológica para a caracterização de um conceito.

O mesmo vale para nossa afirmação de que lidamos com um novo *fascismo*. Apesar do reconhecimento de se tratar de termo com frequente emprego retórico, servindo de acusação dirigida contra adversários políticos, e, mais ainda, apesar da evidente dificuldade para precisar conceitualmente o termo *fascismo*, que padece, em certo sentido, das mesmas peculiaridades acima descritas em termos da *contestabilidade* do predicado “fascista”, é fato que existe abundante produção acadêmica e intelectual oriundas da historiografia, da sociologia, da ciência política, da filosofia política, da economia e da psicologia que nos permitem usar tal vocabulário com suficiente rigor acadêmico na identificação do *bolsonarismo* como fenômeno *fascista*.

¹⁶ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/12/10/poder-popular-nao-precisa-mais-de-intermediacao-diz-bolsonaro-no-discurso-da-diplomacao.ghtml>

¹⁷ <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-manda-reporter-calar-a-boca-e-diz-que-nao-interferiu-na-pf/>

¹⁸ <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,profissionais-do-estadao-sao-agredidos-com-chutes-murros-e-empurros-por-apoiadores-de-bolsonaro,70003290864>

¹⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf-disse-filho-de-bolsonaro-em-video.shtml>

²⁰ <https://istoe.com.br/apos-falar-em-ruptura-eduardo-bolsonaro-e-denunciado-em-conselho-de-etica/>

²¹ <https://veja.abril.com.br/blog/radar/delegado-revela-interferencia-de-ramagem-a-mando-de-bolsonaro-na-pf/>

Basta indicar dois clássicos da bibliografia relativa ao tema para que possamos analisar o bolsonarismo com essas lentes. Considere-se, por exemplo, as chamadas “paixões mobilizadoras” do fascismo, tal como descritas e elencadas por Robert Paxton:²² “o sentimento de um crise catastrófica, além do alcance das soluções tradicionais”; “a primazia de um grupo”, assim como a crença de que tal grupo é “uma vítima”; bem como “o pavor da decadência do grupo sob os efeitos corrosivos” da modernidade, do individualismo moderno, do conflito de classes ou de “ameaça estrangeira”. Uma a uma, tais paixões mobilizadoras têm comparecido com alarde no universo político do bolsonarismo, às quais pode ser acrescido o agravante encontrado na definição de Michael Mann,²³ que muito bem identificou a tendência para “construção de um Estado-nação transcendente e expurgado por meio do paramilitarismo” como tendo papel central na definição do *fascismo* – este mesmo fascismo que hoje caracteriza o *bolsonarismo*.²⁴

2. DESCRIÇÃO: NATUREZA, ESPECIFICIDADES E PROPÓSITO

O Projeto *Bolsonarismo: o Novo Fascismo Brasileiro (BNFB)* é uma iniciativa do **Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ**, fruto da compreensão do atual momento político e social do País tal como descrito acima. Expressa, em seu formato, uma das convicções basilares do **LABÔ**, a saber, a necessidade de construir uma ponte entre a universidade e o grande público não especializado, unindo produção de conhecimento rigoroso em alto nível com ensaísmo de qualidade, acessível e de impacto, valendo-se, para tanto, de diversas plataformas de interlocução com a sociedade e de divulgação acadêmica e intelectual. Ainda, como sói ser o caso das atividades do **LABÔ**, o projeto aprofunda a vocação interdisciplinar e

²² PAXTON, R. O. *Anatomia do Fascismo*. Ed. Paz e Terra

²³ MANN, M. *Fascistas*. Ed. Record

²⁴ Ver, ainda, a lista de quatorze características do “fascismo eterno” listadas por Umberto Eco no ensaio “O Fascismo Eterno”

colaborativa das pesquisas do Laboratório, bem como seu compromisso de contribuir com produção de conhecimento para a compreensão de temas contemporâneos de notória relevância pública.

O Projeto *BNFB* nasce de uma dupla aposta interpretativa fundamental, que deve ser devidamente expandida e avaliada criticamente. Em primeiro lugar, está a identificação de um cenário de *crise da democracia* instaurado no Brasil (não de agora) e que tem conexões e similaridades fortes com o mesmo fenômeno vivido globalmente, ainda que com características próprias; assim, o *BNFB* recusa o argumento de uma permanente “normalidade” da vida democrática brasileira no período recente e nos dias em que corre o bolsonarismo oficialista, e frisa que os testes de “estresse” das instituições políticas do País são, em verdade, processos de implosão continuada dessas nunca devidamente bem formadas instituições, inserindo-se globalmente em uma perspectiva de abalo da *democracia liberal constitucional representativa* e dos seus mecanismos de funcionamento. Segundo, o reconhecimento do movimento político e social chamado de *bolsonarismo* como uma modalidade de *fascismo político* que dialoga tanto com a tradição do autoritarismo de direita no Brasil (como o integralismo e a ditadura militar, para dar dois exemplos) quanto com variadas experiências internacionais de perfil fascizante – de Salvini a Orbán, por exemplo.

Em ambos os casos, impõe-se, é claro, a tarefa de precisar conceitualmente a jogada interpretativa aqui exposta, não apenas contrastando hipóteses rivais – quer acerca da democracia, em geral, quer acerca da natureza específica do bolsonarismo – como robustecendo as definições com que se opera para garantir tanto o primeiro quanto o segundo aspecto de tal linha de interpretação. É, contudo, partindo do pressuposto razoável no acerto do diagnóstico acima que o Projeto *BNFB* se propõe a investigar esse e todos os temas correlatos (detalhados a seguir, na **seção 3**). O resultado de tal investigação é, assim como sua própria natureza indica, distinto da produção acadêmica regular, pois não apenas (i) eleger como matéria para exame um

fenômeno *multifacetado* a se desdobrar *correntemente*, como (ii) se propõe a oferecer resultados também sob a forma de *intervenções públicas* no debate esclarecido do Brasil contemporâneo. Assim, algumas especificidades desta investigação precisam ser explicitadas:

- (a) o presente trabalho deverá expandir o procedimento de **interdisciplinaridade** e de **método colaborativo**, prática usual do **LABÔ**, e ativamente agregar aos esforços da investigação do *BNFB* pesquisadores das mais diversas áreas (ciência política, filosofia, sociologia, direito, economia, ciência de dados, gestão pública, antropologia, psicologia e psicanálise, filosofia da religião, etc.) que sejam capazes de contribuir para a melhor compreensão do fenômeno ora estudado; deve-se privilegiar, nesse sentido, a inclusão de pesquisadores de outras instituições universitárias com reconhecido trabalho em suas respectivas áreas de atuação, abrindo espaço para as mais variadas perspectivas teóricas, sempre com vistas a tornar o presente estudo **plural, profundo e ágil**; destaque-se, desde a origem deste projeto, a referência modelar do **Observatório da Extrema-Direita**, coordenado pelos professores Guilherme Casarões (FGV-SP) e David Magalhães (PUC-SP/FAAP) e Odilon Caldeira (UFJF), ainda em processo de institucionalização;
- (b) tal colaboração deve suceder de maneira **voluntária, participativa e produtiva**, tendo por base (i) a troca de informação especializada, de acordo com a legislação vigente, das áreas dos pesquisadores envolvidos, seja por meio de materiais produzidos previamente sobre tópicos atinentes ao tema da pesquisa, seja por meio de conferências, aulas e reuniões de trabalho (presenciais ou remotas); (ii) a produção de material escrito ou em mídias diversas (*podcasts, vídeos, aulas e palestras*) relativo aos temas que compõem este estudo;

- (c) o trabalho **conjunto** e **cooperativo** não gera nenhum tipo de vínculo entre os participantes e colaboradores e as respectivas instituições de atuação regular de cada pesquisador, aí incluso o próprio **LABÔ**;
- (d) a dimensão **contemporânea** do trabalho imprime à pesquisa um ritmo de avaliação conjuntural permanente, e agilidade e presteza na produção e veiculação de conteúdos a ela concernentes.

Em vista de sua justificativa, já devidamente contextualizada na **seção 1**, e de sua natureza essencial e especificidades acima relatadas, o presente trabalho busca atingir os seguintes **objetivos concretos** de curto e médio prazo:

- (1) coletar, organizar, analisar e divulgar dados relativos aos temas gerais da pesquisa, bem como aos diversos tópicos detalhados que compõem o projeto;
- (2) escrever e publicar artigos de natureza acadêmica sobre os tópicos listados abaixo (**idealmente**, ao menos um para cada tópico);
- (3) escrever e publicar artigos e ensaios de intervenção na imprensa escrita do País com vistas a publicizar os dados, as análises e as reflexões produzidas no interior desta pesquisa (**idealmente**, ao menos um para cada tópico);
- (4) Organizar e realizar, ainda em 2020, um seminário para apresentação de trabalhos com a temática da pesquisa;
- (5) Organizar e publicar um livro que reúna a produção final da pesquisa.

3. TEMAS A SEREM DESENVOLVIDOS

Tendo em vista a já mencionada natureza interdisciplinar e colaborativa do projeto, dividimos os grandes eixos temáticos que compõem a investigação do *BNFB* nos seguintes tópicos:

A - Fundamentação teórica geral e experiência global:

- (i) A crise da democracia liberal e de suas instituições;
- (ii) Extrema-direita, populismo e movimentos políticos iliberais;
- (iii) Fascismo, integralismo, autoritarismo e bolsonarismo;
- (iv) Democracia Digital Direta, redes sociais e *fake news*;

B - Símbolo, religião e fanatismo:

- (i) Apropriação simbólica: Israel, USA, “Ocidente” e outros mitos da narrativa do *BNFB*;
- (ii) O novo fanatismo de base religiosa: neopentecostalismo e tradicionalismo católico a serviço do *BNFB*;
- (iii) O novo fanatismo de base política: “mito”, “guru” e realidade no *BNFB*;

C - Doutrina do *BNFB*

- (i) Olavismo, doutrina do *BNFB*;
- (ii) Militares e o *BNFB*;
- (iii) Nacionalismo “orgânico” e “transcendente” na retórica e na estratégia do *BNFB*;
- (iv) “Revolução conservadora” e “mobilização permanente” no *BNFB*;
- (v) Afirmção da violência: culto da tortura, culto da agressão, culto do ódio e culto da morte no *BNFB*;
- (vi) Obscurantismo e retórica anticiência e anti-intelectual do *BNFB*;
- (vii) As teorias da conspiração do *BNFB*;

D - Milícias, milícias digitais e financiamento

- (i) Milícias, crime organizado e *BNFB*;
- (ii) Milícias digitais e *BNFB*;
- (iii) Estruturas de financiamento do *BNFB*: Luciano Hang, Winston Ling, Brasil 200 e demais redes;

E - Apropriação do Estado, ataque às instituições e corrosão democrática

- (i) Destruição e degradação institucional: princípio e tática do *BNFB* (análise geral);
- (ii) Ruptura com os Poderes e desafio à democracia: do populismo ao fascismo com o *BNFB*;
- (iii) Casos específicos a serem investigados: (a) aparelhamento, inoperância e aviltamento do MEC e do MCT na gestão do *BNFB*; (b) o ocaso do Ministério da Cultura sob as ordens do *BNFB*; (c) Meio-Ambiente e a ordem do *BNFB* para a devastação; (d) o fim da política de direitos humanos; (e) a diplomacia brasileira sob regime do *BNFB*;
- (iv) Ambição de controle de força policial/militar e de criação de força paramilitar: das franjas lunáticas ao apoio real no centro de poder do *BNFB*;

F - Apoios, reais e digitais

- (i) A adesão dos institutos e dos movimentos liberais brasileiros ao *BNFB*;
- (ii) A ilusão dos “bots” como “povo” na retórica do *BNFB*;
- (iii) O “cidadão de bem” e o *BNFB*;
- (iv) O servilismo voluntário: jornalistas, *pundits* e intelectuais do *BNFB*;
- (v) A síndrome de Chauí: conivência, adesão e silêncio de intelectuais em face do *BNFB*;

G - A Mente Reacionária

- (i) A retórica de ódio a minorias, a mulheres e a pobres no *BNFB*;
- (ii) A obsessão pela homossexualidade por parte do *BNFB*;
- (iii) Tradicionalismo e kitsch nas artes; estética clássica e medieval em linguagem digital: *vaporwave*, kitsch e reacionarismo de gosto: as marcas culturais do *BNFB*.

H - Guerras culturais e guerra cultural bolsonarista

I - Psicopatologia do bolsonarismo e do olavismo

4. PARTICIPANTES

Coordenação Geral:

- Eduardo Wolf;
 - Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009); mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012); doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2017). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Antiga, Ética Antiga e Ética Aristotélica; método aristotélico; teoria da definição em Aristóteles. Atua sobretudo nos seguintes temas: Aristóteles, ética, método, dialética e teoria da definição. Também tem experiência em História das Ideias, com ênfase em ética e filosofia política moderna e contemporânea; bem como em Literatura, com ênfase em Literatura Brasileira, Teoria Literária e Crítica Literária.

Coordenação Acadêmica:

- Andréa Kogan;
 - Doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP, autora do livro “Espiritismo Judaico”, assistente acadêmica do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – Labô, onde também coordena o Grupo de Pesquisa sobre Morte e Pós-Morte.
- Luiz Felipe Pondé;
 - Possui graduação em Filosofia Pura pela Universidade de São Paulo (1990), mestrado em História da Filosofia Contemporânea pela Universidade de São Paulo (1993), DEA em Filosofia

Contemporânea - Universite de Paris VIII (1995), doutorado em Filosofia Moderna pela Universidade de São Paulo (1997) e pós-doutorado (2000) em Epistemologia pela University of Tel Aviv. Atualmente é Diretor do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor titular da Fundação Armando Álvares Penteado. Outros vínculos significativos em pós-graduação: Escola Paulista de Medicina, Unifesp, professor e pesquisador convidado (2007) , University of Warsaw, professor convidado (2007), Universität Marburg, professor e pesquisador convidado (2002 e 2003) - University Of Tel Aviv, pesquisador (2007 a 2010) - Universite de Paris VIII, pesquisador (1994 a 1996) - Universidad de Sevilla, professor convidado (2005) e colunista exclusivo do Jornal Folha de S. Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ciências da Religião e Filosofia da Religião, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, mística, santidade, angústia, modernidade/Pós-modernidade e epistemologia. (Texto informado pelo autor). Diretor Acadêmico do Labô.

Participantes LABÔ:

- André Anéas;
 - É técnico em informática pela Fundação Bradesco (2007). Possui graduação em Administração - Faculdades Integradas Rio Branco (2011). Teólogo pela Faculdade Teológica Batista (2015), com experiência na área de Teologia, ênfase em Experiência Religiosa no protestantismo histórico contemporâneo, e mestrando em Teologia pela PUC-SP (2016). Coordena o grupo de pesquisa Teologia Cristã e Religião Contemporânea do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.
- Andrei Venturini Martins

- Doutor em Filosofia, professor no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e coordenador do Núcleo de Estudos Agostinianos do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia (Fundasp - PUC/SP). É autor do comentário e tradução do Discurso da Reforma do Homem Interior, de Cornelius Jansenius (Filocalia), e das obras Do Reino Nefasto do Amor-Próprio: a origem do mal em Blaise Pascal (Filocalia), A Verdade é Insuportável (Filocalia) e Joaquim Nabuco: um abolicionista liberal do Brasil (É Realizações - prelo).
- Carlos Sousa
 - Mestre em Ciências da Religião. PUC-SP. Graduação em Filosofia. UNIFAI. Professor de Filosofia e pesquisador do Núcleo de Estudos Agostinianos do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia (Fundasp-PUC/SP).
- Danit Zeava Falbel Pondé;
 - Possui graduação em psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie(2009), graduação em Administração de Empresas pelo Fundação Armando Álvares Penteado(1989), especialização em Formação Clínica em Psicanálise Winnicottiana pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana(2016), mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas(2012), doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas(2018) e ensino-medio-segundo-grau pelo Colégio Israelita I L Peretz(1979). Atuando principalmente nos seguintes temas: Sentimento, afeto, Amadurecimento, Psicanálise, Winnicott. Coordenadora do grupo de pesquisa A Crise do Amadurecimento na Contemporaneidade no Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.
- Fernando Amed;

- Doutor em História Social pela USP. Historiador pela FFLCH da USP, professor da Faculdade de Comunicação da Faap e do curso de Artes Visuais da Belas Artes de São Paulo, autor de livros e artigos acadêmicos. Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Comportamento Político do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.
- Flávia Sarinho
 - Advogada nas áreas de direito comercial, bancário e projetos de infraestrutura. Formada em direito pela UFRJ (1996), Pós graduada pelo IBMEC-RJ (2001) e pesquisadora do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.
- Heraldo Galan
 - Designer Editorial e Gráfico. Formado em Artes Plásticas pela FAAP, com pós-graduação em Design Gráfico pelo Senac. É pesquisador nos grupos Núcleo de Filosofia Política e Indivíduo, Democracia e Liberdade, ambos do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.
- João Domingues
 - Graduando em psicologia (PUC-SP), pesquisador do Núcleo de Filosofia Política e do grupo de pesquisa Indivíduo, Democracia e Liberdade, ambos do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ. Concentra suas pesquisas em: epistemologia, filosofia da ciência, filosofia da psicologia, pesquisa teórica em psicologia, psicologia e filosofia política.
- Leandro Bacheaga;
 - Licenciado em Filosofia pela Faculdade de São Bento-SP e mestre em Filosofia pela PUC-SP. Pesquisador nos grupos de Filosofia Política e Estudos Agostinianos do Laboratório de Política,

Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.

- Lilian Wurzba;
 - Lilian é psicóloga, Mestre e Doutora em Ciências da Religião (PUC-SP), docente do IJEP (Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa) e coordenadora do grupo de pesquisa do Labô: Jung e Filosofia da Religião.
- Luiz Bueno;
 - Bacharel e Mestre em Filosofia, Doutor em Ciências da Religião e coordenador do Núcleo de Filosofia Política do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.
- Maria Cristina Mariante Guarnieri;
 - Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985), mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000) e doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). É psicóloga clínica e atua principalmente em Consultório Particular; é docente do IJEP-Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, nos cursos de especialização em Psicologia Junguiana, Psicossomática, Dependências, Abusos e Compulsões e Arteterapia; no curso de Psicologia e Religião no COGEAE - Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da PUC/SP ; psicóloga na Associação de Apoio à Criança com Câncer. Tem experiência na área de Psicologia e sua pesquisa está voltada para a Psicologia e Filosofia da religião, atuando principalmente nos seguintes temas: angústia, morte, mística, luto, religião. Pesquisadora e coordenadora do grupo de Judaísmo

Contemporâneo do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.

- Ricardo Vinícius Ibañez Mantovani;
 - Licenciado, bacharel, mestre e doutor em Filosofia pela USP. Coordenador e professor do curso de Pós-graduação em Ética e Filosofia Política da Faculdade Paulo VI. Pesquisador do núcleo de Estudos Agostinianos do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ.
- Rogério Tineu
 - Doutor em Ciências Sociais PUC-SP. Mestre em Ciências da Comunicação ECA-USP, especialista em Docência no Ensino Superior UNICID, especialista em Economia do Turismo ECA/FIPE-USP e graduado em Ciências Econômicas pela Fundação Santo André, além de ser coordenador do grupo de pesquisa do Labô “Cultura do Consumo, Sociedade e Tendências”.
- Tiago Pavinatto;
 - advogado, doutor pela Faculdade de Direito da USP e coordenador do grupo de pesquisa do Labô: “Hiper-religiosidade: a prisão da fé na era das liberdades”, juntamente com Davi Lago.

Participantes Externos:

- Adriana Novaes
 - Doutora em Filosofia e mestre em Comunicação pela USP, especialista na obra de Hannah Arendt. É autora do livro "O canto de Perséfone".
- André Spritzer;

- Doutor em Ciência da Computação pela UFRGS, especializado em visualização de informações. Estudante de Ciência Política e Relações Internacionais na University of London/LSE.
- Celina Alcantara Brod
 - Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Mestre em Filosofia Política pela UFPEL. Doutoranda pela Ufpel em Filosofia Política. Atualmente é professora de inglês autônoma - Cab- English Lessons. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Política e Ética, atuando principalmente nos seguintes temas: liberalismo, conservadorismo, iluminismo, David Hume, moralidade social, responsabilidade, ceticismo, naturalismo, Strawson. Pesquisa de Doutorado sobre relações de culto e fanatismo, efeitos na razão e na moralidade dos agentes políticos.
- Flavio Williges
 - Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (1995), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria em convênio com a USP (1998), Doutor em Filosofia pela UFRGS (2009) e Estágio Pós-Doutoral na University of California em Davis, USA (2017-2018) com bolsa de Estágio de Pós-Doutorado da Capes Processo: POS-DOC 88881.119129/2016-01. Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Tem interesse em epistemologia, ceticismo, ética normativa (ética do cuidado, ética das virtudes), psicologia moral, filosofia das emoções.
- Gabriel Rostey
 - Graduado pela Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP em Turismo com Especialização em Planejamento e Gestão Turística de Cidades, com graduação em intercâmbio acadêmico pelo

Instituto de Estudios Urbanos da Pontificia Universidad Católica de Chile; cursou mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela FAU-USP e é MBA em Gestão Estratégica pela Universidade de São Paulo. Coautor do livro “Nossa Cidade, Nossa Casa: conhecendo a arquitetura da cidade e aprendendo a cuidar dela”, da Associação Preserva São Paulo; colaborou para a publicação “Projetar arquitetura, construir cidades | Convivências Urbanas: patrimônio, comércio, habitação”, do LPP – Laboratório de Projetos e Políticas Públicas da FAU-Mackenzie; contribui esporadicamente com artigos em veículos de imprensa como O Estado de S. Paulo (online) e O Antagonista, e é colaborador da plataforma multimídia “O Estado da Arte” no jornal O Estado de S. Paulo.

- Gilberto Morbach
 - Mestre em Direito Público (summa cum laude), como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bacharel em Direito pela Universidade Feevale. Tradutor (em andamento, a tradução de "Jurisprudence: Theory and Context", primeira obra do jusfilósofo Brian Bix a ser publicada no Brasil). Ensaísta, com contribuições para o Estado da Arte (Estadão). Membro e assistente do coordenador, Prof. Dr. Lenio Luiz Streck, do Dasein - Núcleo de Estudos Hermenêuticos; também membro da Aristotelian Society for the Systematic Study of Philosophy (Aristotelian Society) e da ABDPro - Associação Brasileira de Direito Processual. Advogado, inscrito na seccional do Rio Grande do Sul da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/RS) sob o n.º 111.505. Ênfase de pesquisa em Teoria do Direito, Filosofia no Direito, e Direito Processual.
- Irapuã Santana do Nascimento Silva

- Beneficiado pelas cotas raciais em 2003, graduou-se na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2008, foi o 1º negro e mais novo coordenador do setor contencioso do renomado Escritório Jurídico Carbone. Em 2012, foi aprovado em 7º lugar no mestrado em Direito Processual pela mesma universidade, onde sua dissertação foi aprovada com louvor e distinção, em 2015, por uma banca composta pelos melhores professores do país na área, que deu origem ao seu 1º livro chamado "O Princípio da Igualdade na Mediação e o Acesso à Justiça". Hodiernamente cursa o seu doutoramento com uma tese acerca do acesso à justiça, sob a perspectiva da jurisprudência e do cidadão. Em 2013 foi aprovado no concurso da Procuradoria-Geral do Município de Mauá, onde atua como procurador municipal até hoje. Em 2016, foi aprovado no disputadíssimo programa de intercâmbio "Linkage", da Faculdade de Direito de Yale, nos Estados Unidos. Além disso, atuou, entre os anos de 2014 e 2018, como assessor de ministro no Supremo Tribunal Federal e no Tribunal Superior Eleitoral. É consultor e apresentador do programa "Explicando Direito", na Rádio Justiça. Desde 2014, exerce trabalho voluntário na EDUCAFRO, como consultor jurídico, responsável pelas principais ações judiciais da entidade no país. É membro do Instituto Brasileiro de Direito Processual, do Centro Brasileiro de Estudos Constitucionais, da Comissão de Advocacia Pública da OAB/SP, da Comissão de Direito Processual Civil da OAB/SP e da Comissão de Igualdade Racial da OAB/SP. É professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). É conselheiro jurídico do movimento suprapartidário "Livres". Conselheiro do Instituto Mercado Popular. Autor do livro "13 de maio: A Maior Fake News de Nossa História".

- Josias de Paula Jr.

- Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2012), é Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no Departamento de Ciências Sociais (DECISO). Desenvolve pesquisas, sociologicamente orientadas, nas áreas de cultura, política e teoria social. É integrante do GECCA - Grupo de Estudos em Crítica Cultural em Artes.
- Mano Ferreira
 - Jornalista e especialista em comunicação política, cofundador e diretor de comunicação do Livres. Alumni da International Academy for Leadership da Fundação Friedrich Naumann Pela Liberdade, da Alemanha. É cofundador do Students For Liberty no Brasil e ex-editor do Café Colombo.
- Michel Ghermann;
 - Possui graduação em História com licenciatura em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000). É mestre em Antropologia e Sociologia - Hebrew University Of Jerusalem (2007). Tem título de doutor pelo Programa de Pós Graduação em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente Michel Gherman é pesquisador no Programa de Pós Doutorado na Escola Kreitman de Estudos Avançados na Universidade Ben Gurion do Neguev. Michel Gherman também é pesquisador do Núcleo de Estudos da Política da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- Rodrigo Cássio Oliveira
 - Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com pós-doutorado pela Università degli Studi di Pisa (Itália). Possui Mestrado e bacharelado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Pesquisador visitante na Universidad de Buenos

Aires (UBA-Argentina) pelo Programa de Mobilidade Docente da AUGM - Asociación de Universidades Grupo Montevideo em 2017. Membro da SOCINE - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. Parecerista de publicações acadêmicas na área de humanidades e artes, com foco em estudos de cinema, comunicação e filosofia.

- Rodrigo Coppe

- Historiador e professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Tem experiências na área de História contemporânea, atuando principalmente com os seguintes temas: direita religiosa, conservadorismo, tradicionalismo, catolicismo contemporâneo, secularização. Pós-doutor em Filosofia social pela Universidade de Varsóvia (2020). É presidente do Conselho Científico da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião - ANPTECRE (2018-2020). É membro do Institut d'Étude du Christianisme (Strasbourg, França), investigador associado da rede de pesquisa Direitas, História e Memória e membro de vários conselhos editoriais de revistas nacionais e internacionais. Coordena o GT Religião e Espaço Público na SOTER e o ST Catolicismo e política: entre conservadores e progressistas na ANPUH. É líder do Laboratório de Estudos em Religião, Modernidade e Tradição (LeRMOT) e um dos líderes da Rede de Pesquisa História e Catolicismo no Mundo Contemporâneo. Foi professor convidado da Faculté de Théologie et de Sciences Religieuses da Université Laval - Québec (2015), onde é Pesquisador Associado no projeto de pesquisa Vatican II: herméneutique et réception. (2020). Colaboradora regularmente no Estado da Arte - Estado de S. Paulo.

- Rodrigo de Lemos

- Possui doutorado (2015) e mestrado (2010) em Letras pelo PPG da UFRGS e graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), onde já atuou como professor de Línguas e literatura francesa e francófonas. Atualmente, é professor adjunto da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). No âmbito de sua pesquisa doutoral, realizou estágios de pesquisa como chercheur visitant na Université de Liège (Bélgica) e na Université du Québec à Montréal (Canadá). Realizou cursos internacionais de formação em gestão e em gestão universitária (Organização Universitária Interamericana, Montreal, 2014; UNESCO-Universidade Politécnica da Catalunha, 2015, École Nationale d'Administration, Paris 2017). Contribui regularmente em veículos de imprensa como O Estado de São Paulo (online) e Zero Hora. Tem como interesses de pesquisa: a poesia, a mitologia, a literatura antiga, a literatura francesa, a literatura dos séculos XIX e XX, a Renascença e a tradução.
- Rodrigo Toniol
 - Graduado em ciências sociais, mestre e doutor em antropologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou parte de seu doutoramento no programa de antropologia da University of California San Diego (UCSD). Foi pesquisador visitante no Global Health Institute da UCSD, nos Estados Unidos, no Ciesas/Guadalajara, no México e na Universidade de Utrecht, na Holanda. Realizou estudos de pós-doutorado no departamento de filosofia e estudos de religião da Utrecht University, Holanda. Atualmente é professor no departamento de antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Unicamp. É presidente da Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (2018- 2020). Coordena do projeto de

pesquisa Espiritualidade institucionalizada, apoiado pela Fapesp na modalidade Jovem Pesquisador. É editor do periódico Debates do NER e do Boletim Cientistas Sociais e Coronavirus (ANPOCS). É membro da Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira (Unicamp/Brasil – Ciesas/México) e do Comitê de Pesquisa de Sociologia da Religião da Sociedade Brasileira de Sociologia. Suas pesquisas privilegiam os seguintes temas: corpo, saúde, ciência e religião. Entre seus trabalhos, destacam-se as funções de editor e autor da Encyclopedia of Latin American Religions (ed. Springer), a autoria dos livros On the nature trail (ed. N.Science Publishers, 2015) e Do espírito na saúde (Ed. LiberArs, 2018); além da organização, entre outras, das obras: Conservadorismos, Fascismos e Fundamentalismos (Ed. Unicamp, 2018), Como as coisas importam: uma abordagem material da religião (ed. UFRGS, 2019) e Entre trópicos : Diálogos de estudios Nueva Era entre México y Brasil (Casa Chata, 2018). Escreve para Estado da Arte, do jornal Estado de S. Paulo e também para o Jornal de Toronto.

- Vinícius Müller
 - Doutor em História Econômica pela USP é professor do Insper e autor do livro Educação básica, financiamento e autonomia regional: Pernambuco, São Paulo e Rio Grande do Sul, 1850 - 1930 (Editora Alameda, 2018)

5. PROPOSTA DE CALENDÁRIO PRELIMINAR

- 25 de Maio: retornar este documento com sugestões, comentários e contribuições para sua conclusão;
- 28 de Maio: versão final do Projeto *BNFB*;

- Entre 28 de Maio e 26 de Junho: realização de encontros virtuais do coordenador acadêmico do projeto para discussão dos tópicos de pesquisa com os pesquisadores colaboradores; coleta de dados; redação de ensaios e artigos;
- 27 de Junho: Apresentação da primeira rodada de ensaios e artigos de intervenção com base nas discussões precedentes;
- 30 de Julho: Apresentação e discussão da primeira rodada de *papers* para futura submissão e publicação. Balanço dos primeiros meses de atividade.

5. BIBLIOGRAFIA PRELIMINAR

A presente bibliografia deverá ser organizada, dentro do possível, de acordo com os tópicos de trabalho sugeridos acima. Conta-se, portanto, com a colaboração de todos os envolvidos.

Geral	
Obra	Link
MOUNK, Yascha. <i>O Povo Contra a Democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la</i> . Companhia das Letras, 2019	https://www.amazon.com.br/povo-contra-democracia-liberdade-salva-ebook/dp/B07NPWK7DW/ref=reads_cwrtbar_3/137-8356684-0741059?_encoding=UTF8&pd_rd_i=B07NPWK7DW&pd_rd_r=b1559292-0e77-43d5-88b9-bf33aa8bbc6f&pd_rd_w=8LmBN&pd_rd_wg=QKR6Q&pf_rd_p=fcd5cfce-70d2-4fb2-84e0-1100e88dded2&pf_rd_r=VCVNAG737VTCZMPGWJB5&psc=1&refRID=VCVNAG737VTCZMPGWJB5
STANLEY, Jason. <i>Como Funciona o Fascismo: a política do “nós” e “eles”</i> . L&PM Editores, 2018	https://www.amazon.com.br/Como-funciona-fascismo-pol%C3%ADtica-eles-ebook/dp/B07KXZ1FHP/ref=reads_cwrtbar_2/137-

	<p>8356684-0741059?_encoding=UTF8&pd_rd_i=B07KXZ1FHP&pd_rd_r=b1559292-0e77-43d5-88b9-bf33aa8bbc6f&pd_rd_w=8LmBN&pd_rd_wg=QKR6Q&pf_rd_p=fcd5cfce-70d2-4fb2-84e0-1100e88dded2&pf_rd_r=VCVNAG737VTCZMPGWJB5&psc=1&refRID=VCVNAG737VTCZMPGWJB5</p>
<p>LEVITSKY, Steven e ZIBLATT, Daniel. <i>Como as Democracias Morrem</i>. Zahar, 2018</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Como-democracias-morrem-Steven-Levitsky/dp/8537818003/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=ÅMÅŽÕÑ&crd=3MQLW06KUN41C&keywords=como+as+democracias+morrem+-+steven+levitsky&qid=1589941661&s=books&sprefix=como+as+de%2Caps%2C264&sr=1-1</p>
<p>DIAMOND, Larry. <i>Facing Up to the Democratic Recession</i>. Journal of Democracy, January 2015.</p>	<p>https://www.journalofdemocracy.org/articles/facing-up-to-the-democratic-recession/</p>
<p>GOLDBERG, Jonah. <i>Suicide of the West: How the Rebirth of Tribalism, Populism, Nationalism, and Identity Politics is Destroying American Democracy</i>. Crown Forum, 2018</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Suicide-West-Tribalism-Nationalism-Destroying-ebook/dp/B06WV9JQBT</p>
<p>ACEMOGLU, Daron e ROBINSON, James A. <i>The Narrow Corridor: States, Societies, and the Fate of Liberty</i>. Penguin Press, 2019</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Narrow-Corridor-Societies-Liberty-English-ebook/dp/B07MCRLV2K/ref=msx_wsirn_v1_1/137-8356684-0741059?_encoding=UTF8&pd_rd_i=B07MCRLV2K&pd_rd_r=0a0aa5cf-f777-4dde-86b9-</p>

	54e979e3f8a1&pd_rd_w=hIuQE&pd_rd_wg=N6upv&pf_rd_p=aa95a075-434b-4792-a0e7-ad359b176222&pf_rd_r=VG9MH7M3D3ZX2WD30QVX&psc=1&refRID=VG9MH7M3D3ZX2WD30QVX
ZAKARIA, Fareed. <i>The Future of Freedom: Illiberal Democracy at Home and Abroad</i> . W.W. Norton & Company, 2017	https://www.amazon.com.br/Future-Freedom-Illiberal-Democracy-Abroad/dp/0393331520
ZAKARIA, Fareed. <i>The Rise of Illiberal Democracy</i> . Foreign Affairs, novembro/dezembro 1997	https://www.foreignaffairs.com/articles/1997-11-01/rise-illiberal-democracy
HUNTINGTON, Samuel. <i>The Third Wave: Democratization in the Late Twentieth Century</i> . University of Oklahoma Press, 1993	https://www.amazon.com.br/Third-Wave-Democratization-Late-Century/dp/0806125160
O'DONNELL, Guillermo A. <i>Delegative Democracy</i> . Project Muse. Journal of Democracy, Volume 5, Number 1, January 1994, pp. 55-69	https://muse.jhu.edu/article/225426/pdf
STEPAN, Alfred. <i>The Breakdown of Democratic Regimes: Crisis, Breakdown, and Reequilibration. An introduction</i> . Johns Hopkins University Press, 1978	https://www.amazon.com.br/Breakdown-Democratic-Regimes-Reequilibration-Introduction/dp/080182009X
LINZ, Juan J. <i>The Perils of Presidentialism</i> . Project Muse.	https://scholar.harvard.edu/levitsky/files/1.1linz.pdf

Journal of Democracy, Volume 1, Number 1, Winter 1990	
URBINATI, Nadia. <i>Me the People: How Populism Transforms Democracy</i> . Harvard University Press, 2019	https://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674240889
ECO, Humberto. <i>O Fascismo Eterno</i> . Record, 2018	https://www.amazon.com.br/fascismo-eterno-Umberto-Eco/dp/8501116157/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=ÅMÅŽÕÑ&crid=3UF15FN5HTRZ&keywords=umberto+eco+fascismo&qid=1590004982&s=books&prefix=umbe+rto+e%2Cstripbooks%2C269&sr=1-1
EATWELL, Roger e GOODWIN, Mathew. <i>National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy</i> . Pelican, 2018	https://www.amazon.com.br/National-Populism-Against-Liberal-Democracy-ebook/dp/B07CV45TCM
PRZEWORSKI, Adam. <i>Why Bother with Elections?</i> Polity Press 2018	https://www.amazon.com.br/Why-Bother-Elections-Adam-Przeworski/dp/1509526609
PRZEWORSKI, Adam. <i>Crises of Democracy</i> . Cambridge University Press, 2019	https://www.amazon.com.br/Crises-Democracy-Adam-Przeworski/dp/1108498809
LÜHRMANN, Anna; Lindberg, STAFFAN. <i>A third wave of autocratization is here: what is new about it?</i> Democratization, Volume 26, Number 7, 2019, pp. 1095-1113	https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13510347.2019.1582029
GRZYMALA-BUSSE, Anna; KUO, Didi; FUKUYAMA, Frank;	https://fsi.stanford.edu/global-populisms/global-populisms-and-their-challenges

<p>MCFAUL, Michael. <i>Global Populisms and Their Challenges</i>, Freeman Spogli Institute for International Studies, Stanford University, 2020</p>	
<p>Almeida, Ronaldo; Toniol, Rodrigo. Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais. Campinas: editora da Unicamp, 2018.</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Conservadorismos-fascismos-fundamentalismos-an%C3%A1lises-conjunturais-ebook/dp/B07XZNCXH4/ref=sr_1_1?_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dclid=1&keywords=toniol+rodrigo&qid=1591743943&sr=8-1</p>
<p>MANN, Michael. <i>Fascistas</i>. 1ª Ed., Record, 2008</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Fascistas-Michael-Mann/dp/8501075892</p>
<p>CANETTI, Elias. <i>Massa e Poder</i>. 1ª Ed., Companhia de Bolso, 2019</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Massa-poder-Elias-Canetti/dp/8535932275/ref=sr_1_1?_mk_pt_BR=ÅMÅŽÕÑ&crid=XN5A9BT0N17A&keywords=massa+e+poder+elias+canetti&qid=1590103568&srefix=massa+e+poder%2Caps%2C259&sr=8-1</p>
<p>INGRAO, Christian. <i>Crer e destruir: Os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista</i>. 1ª Ed., Zahar, 2015</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Crer-destruir-intelectuais-máquina-nazista/dp/8537814067/ref=sr_1_1?_mk_pt_BR=ÅMÅŽÕÑ&crid=XQQ9S3PHFFSN&keywords=crer+e+destruir&qid=1590103637&srefix=crer+e+%2Caps%2C309&sr=8-1</p>
<p>SEDGWICK, Mark. <i>Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy</i>. Oxford, 2019</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Key-Thinkers-Radical-Right-Democracy-ebook/dp/B07LFKWCV2</p>
<p>SEDGWICK, Mark. <i>Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy</i>. Oxford, 2019</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Key-Thinkers-Radical-Right-Democracy-ebook/dp/B07LFKWCV2</p>

Edited by RYDGREN, Jens. <i>The Oxford Handbook of the Radical Right</i> . Oxford, 2018	https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780190274559.001.0001/oxfordhb-9780190274559
FRITZI, Gregor; MACKERT, Juegen; e TURNER, Bryan S. <i>Populism and the Crisis of Democracy. Volume 2: Politics, Social Movements and Extremism</i> . Routledge, 2018	https://www.routledge.com/Populism-and-the-Crisis-of-Democracy-Volume-2-Politics-Social-Movements/Fitzi-Mackert-Turner/p/book/9781138091375
MUDDE, Cas e KALTWASSER, Cristóbal Rovira. <i>Populism: A Very Short Introduction.</i> ; 2ª Ed. OUP USA, 2017	https://www.amazon.com.br/Populism-Short-Introduction-Cas-Mudde/dp/0190234873
MUDDE, Cas. <i>Populist radical right parties in Europe</i> . Cambridge University Press, 2007. Parte 1 – Concepts (1. Constructing a conceptual framework; 2. From conceptualization to classification: which parties?)	https://www.cambridge.org/core/books/populist-radical-right-parties-in-europe/244D86C50E6D1DC44C86C4D1D313F16D
FINCHELSTEIN, Frederico. <i>Do Fascismo ao Populismo na História</i> . Editora 70, Lisboa, 2020. Cap. 1 – O que é o Fascismo na História (p. 53 – 129)	https://www.amazon.com.br/Fascismo-Populismo-Hist%C3%B3ria-Federico-Finchelstein/dp/8562938289
MILANOVIC, Branko. <i>Global Inequality: A New Approach for the Age of Globalization</i> . Harvard University Press, 2016. Cap. 1 – The Rise of Middle Class and Global Plutocrats	https://www.amazon.com.br/Global-Inequality-New-Approach-Globalization/dp/067473713X?tag=lomadec0850009731-20&ascsubtag=226536112767z176z1590701308709&1midsid=087036112767-176-1590701308709
RODRIK, Dani. <i>The Globalization Paradox: Democracy and The</i>	https://www.amazon.com.br/Globalization-Paradox-Democracy-Future-

<p><i>Future of World Economy</i>. Nova York: W. W. Norton & Company, 2012. Cap. 9 – The Political Trilemma of the World Economy</p>	<p>Economy/dp/0393341283?tag=lomadee0850009731-20&ascsubtag=226536112767z176z1590701479098&1mdsid=790936112767-176-1590701479098</p>
<p>EMPOLI, Giuliano da. <i>Os Engenheiros do Caos</i>. Vestígio, 2019. Cap. 3 – Waldo Conquista o Planeta</p>	<p>https://www.amazon.com.br/s?k=os+engenheiros+do+caos&adgrpid=83893386360&gclid=Cj0KCQjwwr32BRD4ARIsAAJNf_2OjMYBupSF4At0GMj3zAZBXNc88ZduIvBdKyZYUP2fchF-mvR0NgMaAmyAEALw_wcB&hvadid=425954654055&hvdev=c&hvlocphy=1001773&hvnetw=g&hvqmt=e&hvrnd=2230329992650814452&hvtargid=kwd-858007017103&hydacr=5653_11235202&tag=hydrbrgk-20&ref=pd_sl_5mcne9nz56_e</p>
<p>STOCKEMER, Daniel. <i>The Front National in France: Continuity and Change Under Jean-Marie Le Pen and Marine Le Pen</i>. Springer International Publishing, 2017. Cap. 2. – The History of the Front National</p>	<p>https://www.springer.com/br/book/9783319496399</p>
<p>CAMUS, Jean-Yves. <i>Pode a Frente Nacional ao poder chegar? O terceiro excluído da vida política</i>. In: Tempos Conservadores, Vol. 3 – Direitas na Europa. Gárgula. Goiânia, 2020</p>	<p>https://www.academia.edu/41920897/Tempos_conservadores_Vol_3_Direitas_na_Europa_1_</p>
<p>RYDLIŃSKI, Bartosz. <i>First Among Illiberals? Hungarian and Polish Steps Towards Populist Democracy</i>. On-line Journal Modelling the New Europe. Issue no. 26/2018</p>	<p>http://neweurope.centre.ubbcluj.ro/wp-content/uploads/2018/06/VIKTOR-ORB%C3%81N-FIRST-AMONG-ILLIBERALS.pdf</p>
<p>WILKIN, Peter. <i>The Rise of ‘Illiberal’ Democracy: The</i></p>	<p>http://jwsr.pitt.edu/ojs/jwsr/article/view/716</p>

<p><i>Orbánization of Hungarian Political Culture.</i> Journal of World-Systems Research 24.1 (Winter/Spring 2018): 5-42</p>	
<p>ORBAN, Viktor. Discurso “<i>The End of Liberal Democracy</i>”. Bálványos Free Summer University, 2014</p>	<p>http://www.miniszterelnok.hu/prime-minister-viktor-orbans-speech-at-the-29th-balvanyos-summer-open-university-and-student-camp/</p>
<p>MCDONNELL, Duncan, & Cabrera, Luis. (2018). <i>The right-wing populism of India’s Bharatiya Janata Party (and why comparativists should care)</i>. Journal Democratization, Volume 26, 2019 - Issue 3</p>	<p>https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13510347.2018.1551885</p>
<p>SANTOS, Pedro Matias. <i>Gandhi vs. Savarkar e Golwalkar: Secularismo pan-indiano e fundamentalismo hindu.</i> Forum Sociológico, n. 33, 2018.</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Fascismo-Populismo-Hist%C3%B3ria-Federico-Finchelstein/dp/8562938289</p>
<p>CHARNY, Imael W. <i>Fascism and Democracy in the Human Mind: A Bridge Between Mind and Society.</i> Ed. University of Nebraska Press, 2006.</p>	<p>https://www.amazon.com.br/Fascism-Democracy-Human-Mind-Between/dp/080321796X/ref=sr_1_2?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=fascism+and+democracy+in+the+human+mind&qid=1591737356&sr=8-2</p>
<p>Brasil</p>	
<p>Obra</p>	<p>Link</p>
<p>CARVALHO, Luiz Maklouf. <i>O Cadete e o Capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel.</i> Todavia, 2019</p>	<p>https://www.amazon.com.br/cadete-capitão-vida-Bolsonaro-quartel/dp/6580309350/ref=sr_1_3?__mk_pt_BR=ÅMÅŽÕÑ&crd=1DRLL4MENNJ4H&keywords=tortment</p>

	a+o+governo+bolsonaro&qid=1590004875&s=books&sprefix=tormenta+%2Caps%2C554&sr=1-3
MOURA, Maurício e CORBELLINI, Juliano. <i>A Eleição Disruptiva: Por que Bolsonaro Venceu</i> . Record, 2019	https://www.amazon.com.br/eleição-disruptiva-Por-Bolsonaro-venceu-ebook/dp/B07SZH9W1H/ref=sr_1_4?_mk_pt_BR=ÂMÃŽÕÑ&crd=1DRLL4MENNJ4H&keywords=tormenta+o+governo+bolsonaro&qid=1590004875&s=books&sprefix=tormenta+%2Caps%2C554&sr=1-4
OYAMA, Thaís. Tormenta: O Governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos . Companhia das Letras, 2020	https://www.amazon.com.br/Tormenta-governo-Bolsonaro-intrigas-segredos/dp/8535933158/ref=sr_1_1?_mk_pt_BR=ÂMÃŽÕÑ&crd=1DRLL4MENNJ4H&keywords=tormenta+o+governo+bolsonaro&qid=1590004875&s=books&sprefix=tormenta+%2Caps%2C554&sr=1-1
SCHWARCZ, Lilia Moritz. <i>Sobre o Autoritarismo Brasileiro</i> . Companhia das Letras, 2019	https://www.amazon.com.br/Sobre-autoritarismo-brasileiro-Moritz-Schwarcz/dp/8535932194/ref=pd_bxgy_3/137-8356684-0741059?_encoding=UTF8&pd_rd_i=8535932194&pd_rd_r=67dda74a-8330-494f-a3fb-c47af7f33d14&pd_rd_w=1cN5c&pd_rd_wg=hbvyf&pf_rd_p=b7ddf2f0-cccc-4719-8541-b52293f96c07&pf_rd_r=TEK4M5ZJRDV0B5P68HA1&pvc=1&refRID=TEK4M5ZJRDV0B5P68HA1
SCHWARTZMAN, Simon. <i>Bases do Autoritarismo Brasileiro</i> . Editora da Unicamp, 2015	https://www.amazon.com.br/Bases-Autoritarismo-Brasileiro-Simon-Schwartzman/dp/8526812246/ref=sr_1_2?_mk_pt_BR=ÂMÃŽÕÑ&crd=284ZIZYP8436Y&keywords=simon+schwartzman&qid=1589078546&s=books&sprefix=simon+sc%2Cstripbooks%2C259&sr=1-2
Sobre o kitsch	
ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados . Trad. Pérola de	

Carvalho. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.	
DORFLES, Gillo. Kitsch: an anthology of bad taste. London: Studio Vista, 1973.	
GREENBERG, Clement. Art and culture: critical essays. Boston: Beacon Press, 1984.	
LUGG, Catherine A. Kitsch: From Education to Public Policy. New York: London: Routledge, 2002.	
MECACCI, Andrea. Il Kitsch. Bologna: Il Mulino, 2014.	
MOLES, Abraham. O Kitsch: a arte da felicidade. Trad. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates).	
PADOAN, Giulio. Dal kitsch al neo-kitsch. Nuovi scenari della comunicazione contemporanea. Boca: Eretica, 2018.	
GREENBERG, Clement. Art and culture: critical essays. Boston: Beacon Press, 1984.	

LUGG, Catherine A. Kitsch: From Education to Public Policy. New York: London: Routledge, 2002.	
MECACCI, Andrea. Il Kitsch. Bologna: Il Mulino, 2014.	